



O século XXI na encruzilhada: rascunho sobre a crise societária global

Pedro Claudio Cunca Bocayuva

Professor associado da UFRJ, coordenador do Laboratório do Direito à Cidade (LDCT-NEEP/UFRJ).

Palavras-chave: Crueldade; Brutalismo; Guerra; Século XXI.

O futuro histórico está bloqueado. As máscaras caíram há muito tempo, por isso é imoral assistir ao debate trágico do direito e das proporções da vingança. O grau de destruição não é uma medida do direito penal, é barbárie colonial e seus efeitos. A trágica eticidade que deriva da definição de que a melhor defesa é o ataque se amplia nesta trágica naturalização do direito de retaliar. A espiral da guerra vira escalada nesta razão cínica que nos coloca na bola de neve que vai nos dominando. A banalização da crueldade já não tem mais velamento.

O chamado “estado de natureza” é a velha imagem da guerra de todos contra todos na guerra mundializada que também se apoia como num somatório de massacres e guerras civis. Na base destes processos existe sempre um início colonial, um deslocamento forçado, algum tipo de saque, servidão ou escravidão, que se prolonga e sustenta com racismo e sexismo na gestão pelo medo. O código proprietário e a acumulação sem limites sustentam e apoiam máquinas de guerra, até que países, grupos sociais e regimes sucumbam como resultado da *hubris*.

O brutalismo e a crueldade se entendem até o genocídio com a arquitetura da destruição. Aos que sobrevivem, resta entrar na competição da precariedade na direção da sobrevivência pela fuga.

As prisões e os campos, os muros e as cercas vão gerando as fronteiras que servem de motores de segregação e exploração de corpos e mentes, fronteiras que vazam por todos os lados. Ao terror do resultado do saque e da colonialidade se somam os regimes de exceção em nome da emergência, toque de recolher, ocupação policial, milícias e fascismo.

A concentração de renda e de patrimônio, a financeirização, a sociedade de consumo e do espetáculo funcionam como espaço abstrato que se pretende protegido por máquinas de guerras e casamatas ideológicas de todo tipo. As máscaras caem e não há velamento quando morre a ideia de humanidade; a religião nacionalista se torna abrigo que vai sendo submetido à lógica da política do inimigo e dos escolhidos pelas cruzadas e guerras santas.

Ali onde a guerra não chega diretamente à economia de guerra, vai disputando com o neoliberalismo miliciano e seus pequenos tiranos. As alianças vão se forjando e a nova guerra mundializada chegou no meio de uma transição inconclusa e bloqueada. O bloqueio do século já chegou, a roda da história é apenas uma espécie de moedor de gente, parafraseando Darcy Ribeiro.

O século XXI começa a terminar mais cedo como um século em que temos de recuar para poder sobreviver nos colocando, quem pode, na sombra de pactos frágeis no meio de guerras contra os povos. O potencial da locomotiva chinesa não pode cumprir funções interativas porque falta Estado Social e Democracia no Ocidente que pudesse, de fato, ser um exemplo. A consequência é que o capitalismo norte-americano em crise restabeleceu a guerra fria que se tornou quente no meio de intervenções desastrosas. Espero que os BRICS, que reúnem três democracias do Sul global, possam, ao lado do pragmatismo chinês e de forças democráticas nos EUA, na UE e dos povos da América Latina, África e Ásia, produzir uma Conferência para o cessar fogo estabelecendo fronteiras provisórias para desacelerar a escalada. Uma força de contenção sem a qual teremos de assistir a escalada que certamente destruirá qualquer sombra de futuro.

A guerra não pode depender dos que permanecem no poder através dela, dos que chegaram ao poder num caminho pavimentado de cadáveres. Ou será que nos esquecemos dos golpes, da guerra híbridas, da ocupação colonial, das limpezas étnicas e de tudo que bloqueou a paz de 1992 para cá? Os grandes traumas e as grandes mutações sistêmicas vêm seguindo o moinho satânico neoliberal, a destruição do *welfare*, o capitalismo de vigilância e dos aplicativos, o deslocamento do eixo geográfico da economia mundial se fizeram acompanhar de enormes rupturas, guerras civis, intervenções e fugas.

As 3 ecologias (social, ambiental e mental) encontram seus limites nesta desmedida que coloca mais uma vez a humanidade diante de uma catástrofe de fato, tragicamente no meio da maior transformação tecnológica, mas, como a pandemia mostrou, sobreviveu quem cuidou de si, e a cooperação internacional ruiu. Neste quadro, a questão da economia política internacional se torna um fator decisivo, mas que passou a estar dependente de evitar a proximidade da guerra e de contar com as próprias forças, o que se torna um risco no quadro climático, epidemiológico, econômico e bélico, povoado de aproveitadores e mediado pelas apostas enlouquecidas e pela fúria que rompe a sociabilidade.

Neste caso, o Brasil poderia escapar pela tangente ou se aliar a um dos lados. Mas o que devemos ou podemos fazer é outra história, dada nossa própria morbidez interna que nos impede de radicalizar na via da paz pela cooperação e solidariedade entre os povos. Trinta anos depois da Conferência de Viena dos Direitos Humanos, perdemos o rumo para realizar um roteiro crítico necessário, já que a luta por justiça parecia acompanhar os rastros da superação da colonialidade que reapareceu na dialética das formas negativas que alimentam velhas estruturas na enorme batalha dos afetos.

A globalização neoliberal rompeu as defesas do bem estar-social e gerou as máquinas de ódio dos que temem formas redistributivas, modelos sustentáveis, diversidade e controle democrático. O devir mundo parece marcado pelo fascismo, a guerra, as epidemias e o aquecimento global. As bombas atingiram o seu alvo afetando e bloqueando a esperança de sair da Guerra Fria com um multilateralismo de cooperação realista.

O estado de guerra no mundo se generalizou e a crueldade acompanha o estranho gozo dos tiranos que decidem e cometem crimes mais bárbaros e impensáveis do que o das redes terroristas, com a ideia de que podem proteger seus povos através de doses e proporções do “remédio” bélico. Manipulam a ideia de poderem aplicar o poder de aniquilar às ameaças e agressões conforme considerem necessário, mas só fazem multiplicar os riscos e os inimigos. Temos a repetição contínua da armadilha, do pretexto, que sempre será o mesmo: as máquinas de dominação decidem e mobilizam afetos para a guerra na chave da execução soberana.

A vingança e o ódio, como o terror e o crime, são produtos de escolhas e efeitos de decisões nefastas. Eliminando as melhores pessoas, destruindo esperanças como foi a solução de dois Estados para palestinos e judeus. Damos passos para trás desastrosos desde o ano de 1994. Nem a frágil solução dos acordos de Oslo mantivemos e o resultado foi o avanço do terror dentro das sociedades e do

Estado, em Israel nos territórios ocupados, na faixa de Gaza e em toda região.

A destruição de governos rompeu fronteiras, gerou uma enorme extensão do rastro da guerra. A democracia não nasce da força das armas, mas da soberania popular. A manutenção da OTAN depois do fim do Pacto de Varsóvia projetou as consequências que viabilizaram Putim. Tantos elementos vão compor os vários mapas estratégicos que precisamos elaborar. Isso, para repensar a crise societária global na chave da unidade humana diversa numa matriz planetária comum. Como fazer com que as vozes subalternas e a multidão possam ser galvanizadas por forças afetivas e usar a inteligência coletiva mundial em outra direção?

O século XXI encurtou o tempo e estreitou as margens de ação. O futuro está bloqueado. Talvez o tripé IBAS dos BRICS tenha uma força demográfica e moral para exigir a “reparação”, a mudança de rumos, sem usar hipocritamente a noção de democracia na forma colonial que vem sendo usada. Índia, Brasil e África do Sul podendo chamar as 3 potências para um esforço que não nos deixe nas mãos de tiranias, que se equivalem posto que seus governos vivem no delírio das guerras santas de novo tipo, num processo ininterrupto de destruição, medo e crueldade.